

## Mulher *in loco*: o experimento do corpo feminino

### Woman *in loco*: the female body experiment

### Mujer *in loco*: el experimento del cuerpo femenino

*Amanda da Costa Pereira Alves, mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (Pgaur/USJT).*

*E-mail: pa\_amanda@hotmail.com*  *ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3386-9840>*

*Eneida de Almeida, doutora em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (Pgaur/USJT).*

*E-mail: eneida.almeida@saojudas.br*  *ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9216-3581>*

**Para citar este artigo:** ALVES, A. da C. P.; ALMEIDA, E. de. Mulher in loco: o experimento do corpo feminino. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 33-47, 2021. DOI 10.5935/cadernospos.v21n2p33-47

**Submissão:** 2020-09-15

**Aceite:** 2021-02-05

### Resumo

Este artigo relaciona as reflexões teóricas com uma experiência sensível de reposicionamento do corpo no espaço, tomando os alicerces no campo da arquitetura articulados com os entendimentos filosóficos e sociológicos, a fim de atribuir ao corpo feminino um papel de agente crítico. Agrest (2006) aponta a condição de desigualdade entre homens e mulheres no cenário da arquitetura tradicional, buscando encontrar soluções para a negação histórica de seu gênero. A reflexão de Heloísa Buarque de Hollanda (2018) e a fala de Djamila Ribeiro (2017) constituem um suporte teórico fundamental para reconhecer os lugares do discurso e suas contribuições para

propiciar um estudo empírico da composição das tramas de rebelião das mulheres no confronto com o contexto urbano. A experimentação estabelece o recorte no corpo feminino, com a produção das artistas Valie Export, Esther Ferrer e Francesca Woodman, como práticas estéticas que valorizam a arte, a cidade e a política.

**Palavras-chave:** Corpo e cidade; Memória e identidade; Arte e linguagem.

### Abstract

This article relates theoretical reflections to a sensitive experience of repositioning the body in space, based on notions of the field of architecture articulated to philosophical and sociological understandings, in order to attribute to the female body a role as a critical agent. Agrest (2006) points out the condition of inequality between men and women in the scenario of traditional architecture, seeking to find ways out of the historical denial of their gender. The reflection of Heloísa Buarque de Hollanda (2018) and to the discourse of Djamila Ribeiro (2017), consist of an essential theoretical support to recognize places of speech and their contributions to foster an empirical study of the composition of plots of women's rebellion in the clash with the urban context. This experimentation establishes the cut in the female body, with the production of the artists Valie Export, Esther Ferrer and Francesca Woodman, as aesthetic practices that value art, city and politics.

**Keywords:** Body and city; Memory and identity; Art and language.

### Resumen

Este artículo relaciona reflexiones teóricas con una experiencia sensible de reposicionamiento del cuerpo en el espacio, tomando los fundamentos en el campo de la arquitectura en conjunto con las comprensiones filosóficas y sociológicas, para asignar el rol de agente crítico al cuerpo femenino. Agrest (2006) señala la condición de desigualdad entre hombres y mujeres en el escenario de la arquitectura tradicional, buscando soluciones para la negación histórica de su género. La reflexión de Heloísa Buarque de Hollanda (2018) y el discurso de Djamila Ribeiro (2017) constituyen un soporte teórico fundamental para reconocer los lugares del discurso y sus aportes para brindar un estudio empírico de la composición de las tramas de rebelión de las mujeres en la confrontación con el contexto urbano. La experimentación establece el corte en el cuerpo femenino, con la producción de las artistas Valie Export, Esther Ferrer y Francesca Woodman, como prácticas estéticas que valoran el arte, la ciudad y la política.

**Palabras clave:** Cuerpo y ciudad; Memoria e identidad; Arte y lenguaje.

## INTRODUÇÃO

**E**ste artigo é resultado de investigação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (Pgaur/USJT) com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na qual se buscou compreender as peculiaridades da relação entre sujeito, cidade e arte, no panorama contemporâneo, de modo a extrapolar os limites disciplinares da arquitetura, articulando-a com outros campos de reflexão e experimentação, na medida em que outras compreensões, provindas de diferentes lugares de discursos, podem contribuir para uma contínua reconstrução das relações não só entre os campos disciplinares, mas também entre o ambiente físico e o tecido sociocultural em incessante transformação.

As conexões entre teoria e prática possibilitam ampliar as discussões ligadas à experiência vivida, considerando que a teoria para arquitetos não corresponde propriamente a uma construção autônoma, tampouco à explicação do mundo, mas pode ser compreendida, ao mesmo tempo, como fundamento, escolha e instrumento do agir concreto, inseparável do êxito alcançado com a intervenção.

A condição que interliga a mulher (e o corpo feminino), como locutores da própria interação com a cidade, associa reflexões do campo da arquitetura a algumas interpretações de gêneros e suas tangências com a trajetória do pensamento feminista, que configuram uma base de fundamentação teórica em que se apoiam as práticas artísticas.

Empreender esses cruzamentos de referências de campos distintos do pensamento propicia estimular a mobilização de aspirações subjetivas com vistas a alimentar a formação de identidades indissociáveis do posicionamento sociopolítico, desdobrando as possibilidades de interpretação de um ciclo contínuo de desconstrução e reconstrução dos contextos sociais e dos corpos que atravessam essas esferas. São aqui invocadas noções filosóficas e culturais, que oxalá possam permitir ao interlocutor refletir sobre suas próprias aspirações e possíveis derivações.

A arquitetura e a arte indiscutivelmente ocupam uma posição central no ambiente cultural da atualidade, constituindo novos parâmetros capazes de identificar demandas presentes nos contextos urbano e social e, assim, reinventar lugares e novas formas de existência. Entender a arte como um componente de crítica que reconhece a mulher em seus desejos e subjetividades permite a exploração de um contexto poético, articulando os movimentos dos corpos femininos com uma experiência sensível de potência criativa, interligando interesses pessoais e coletivos.

Entende-se que essa experiência de sensibilização e deslocamento da percepção do corpo feminino possa mobilizar não apenas os domínios sensoriais, como também os cognitivos, ou seja, possa articular processos mentais que interligam emoção e conhecimento. Aproveitando esse potencial, este artigo pretende explorar as relações entre identidade feminina e representação simbólica, de

forma a propiciar diferentes modos de apropriação dos lugares e ativando uma capacidade de transmutação de elementos inertes em organismos vivos conectados à cidade do presente. Deslocamentos são fundamentais para reagir e atravessar momentos de crise.

## O lugar de fala e as experiências artísticas

Interessa aqui direcionar um deslocamento do sujeito genérico para a figura feminina, contudo, convém esclarecer que foge ao propósito deste artigo aprofundar as reflexões acerca das questões de gênero e mesmo das várias vertentes do feminismo, uma vez que o enfoque central se detém em perscrutar a presença da mulher na leitura e escritura da cena urbana, por intermédio de práticas estéticas.

Dito isso, a trajetória e a obra de Heloísa Buarque de Hollanda, ao congregarem reflexão e engajamento político, contribuem para dialogar com as autorrepresentações femininas aqui reunidas. Seus relatos autobiográficos transformam a vida em ficção para melhor relatar a realidade vivida. Construídos como narrativas de uma identidade compartilhada com outras mulheres, transitando entre os territórios fronteiriços da desobediência epistêmica e do pensamento descolonial, alcançam uma condição de testemunho acerca de abusos e lutas que unem as mulheres latino-americanas ou do chamado Terceiro Mundo. No contexto contemporâneo, Heloísa B. de Hollanda distancia-se de uma ideia de condição feminina universal, defendendo uma compreensão plural de feminismo, constituída por alianças construídas socialmente, aderentes às circunstâncias e sensível às diferenças.

Em *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*, Hollanda (2018) reúne várias vozes feministas, entre jovens e veteranas, compartilhando com elas a escrita dos textos que compõem o volume. Alcança o intento de apresentar a trajetória do movimento e, principalmente, registrar a difusão do ideário feminista em tempos recentes, no Brasil, o feminismo da quarta onda, enfatizando a influência das ferramentas de comunicação digital. Um aspecto essencial dessas novas manifestações é assinalado nas formas horizontais de organização, sem protagonismos e hierarquias, baseados em experiências pessoais que ecoam coletivas.

Um entendimento mais amplo dessas discussões requer superar a oposição binária “masculino versus feminino”, mesmo porque masculino e feminino não são categorias absolutas, e o gênero não está aprisionado ao sexo. Embora essa polaridade tenha se amparado em um enraizamento biológico, confirmado por muito tempo por padrões sociais e representações culturais, essa condição já não mais se sustenta. Feminilidade e masculinidade são, portanto, entendidas na atualidade como múltiplas apropriações, modos de presença resultantes de uma decisão pessoal, expressão de um sentimento de identidade subjetiva e de uma representação na cena social. A identidade de gênero, segundo essa compreensão, é, portanto, uma condição múltipla e movediça (LE BRETON, 2014, p. 20).

Compreender a individualidade em confronto com a coletividade é também abordar uma discussão vinculada aos padrões mais convencionais da sociedade referentes à inclusão das diversidades e pluralidades dos sujeitos que a compõem. O foco se dirige aos organismos que fogem à construção de um pensamento padrão e que buscam, por meio de suas experiências, desbloquear um pensamento limitante, expondo novas relações, reativando memórias que alimentam a construção do presente.

Dentro desses grupos de corpos, encontram-se os corpos femininos, objeto de interesse deste estudo. Ao adentrar no tema da condição feminina como discurso vivo e ativo socialmente, estimula-se um diálogo com a cidade de maneira a reinterpretar suas reivindicações, superar imposições, romper com barreiras e reivindicar direitos.

As interpretações feministas da arquitetura elaboradas por Agrest (2006) associam-se a paradigmas críticos ligados ao pós-estruturalismo e à psicanálise. Em “À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo”, Agrest (2006) discute acerca da repressão a que esteve sujeita a mulher (e seu corpo) ao longo da tradição cultural ocidental.

Desde a Antiguidade clássica até a cultura renascentista – referências incontornáveis da cultura arquitetônica ocidental –, observa Agrest (2006), a mulher foi sistematicamente excluída, reprimida, seja no plano social, seja no plano conceitual e simbólico, por meio da representação da arquitetura como um análogo do corpo masculino.

À medida que se criou um padrão ideal, criou-se também o seu reverso, aquele que não se enquadrava, o “fora da norma”, o anormal, revelando-se, assim, a impossibilidade de deslocamento desse espaço de exclusão e repressão, como alternativa de escapar à pena da fogueira e do aprisionamento, justo pelo fato de serem portadoras da maior das normas, a reprodução, o que acabava, paradoxalmente, por corporificar a anomalia.

Para Agrest (2006), o corpo na arquitetura é tema essencial. Está indissolavelmente associado à condição de gênero e sexo, ensejando significativas metáforas. Ao se referir ao corpo da arquitetura, a arquiteta formula a pergunta-chave para desvendar formulações ideológicas relacionadas à compreensão da disciplina em sua trajetória cultural: “De que corpo se trata?”. A pergunta traz necessariamente o questionamento do gênero, uma vez que não há corpo sem gênero.

Como seria possível reabilitar o corpo feminino, e a própria mulher, para a arquitetura, resgatando-a da exclusão? Agrest (2006) propunha reinserir a mulher no exercício crítico e profissional contemporâneo como *outsider*, ou seja, a sua aproximação se daria a partir da cidade, de outras disciplinas e de outros sistemas de representação.

Se a mulher não cabe na ordem simbólica, é desse lugar externo, à margem do sistema, que pode lançar um olhar crítico, operando a inclusão do negado, do excluído, do reprimido, integrando a heterogeneidade da matéria, por intermédio de seu corpo, à negação histórica de seu gênero. Só assim a mulher pode romper com o isolamento, adquirir voz e impostar o seu discurso.

A cidade, assim, se configura como o cenário social onde a mulher pode exprimir publicamente a sua luta. É a terra de ninguém pronta para ser apropriada, lugar dos despossuídos. É nesse território que se instauram três condições análogas de tempos: a permanência, a sucessão e a simultaneidade. A mulher *outsider* lê seu texto, assim como lê o não dito, o oculto, aquilo que nenhum homem deseja ler. Leitura e escritura se confundem, se alternam, se sobrepõem. Da negação se alcança a reafirmação da cidade. Da ausência se constrói a presença feminina.

É nessa perspectiva que a filósofa Djamila Ribeiro (2017) enfatiza a importância da relação entre indivíduos e coletivo, introduzindo seus lugares de fala, decorrentes das aspirações de suplantare privilégios. Falar sobre corpo feminino em interação com o meio urbano é aprofundar a noção de lugar de fala da mulher e o que essa enunciação expressa. A contribuição de Ribeiro (2017) se sobrepõe às discussões de gênero, às de raça, enfrentando as questões relacionadas ao racismo estrutural. A este estudo, porém, interessa concentrar-se nas discussões de gênero situadas no meio social, que se baseiam na construção das subjetividades evidenciadas não pela exclusão, mas pelas trocas interpessoais e pelo fortalecimento da identidade coletiva, seja por meio da militância, seja na própria reprodução da vida cotidiana, ampliada pela experimentação estética.

Reivindicar um lugar social, suas condições de fala e escuta, gera um reposicionamento diante de realidades diversas em escalas paralelas e complementares, atribuindo valor às experiências individuais e a seus desdobramentos.

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racionalizem, entendam o que significa ser branco como metáfora de poder (RIBEIRO, 2017, p. 38).

Djamila Ribeiro (2017) identifica um lugar de pertencimento social, um ambiente de repercussão de uma condição subjetiva, com a possibilidade de ampliação da consciência do corpo feminino dentro do coletivo. Entender seu lugar social permite conscientizar-se do cerceamento que é a tendência à universalidade, valorizando, por outro lado, a ruptura com o discurso hegemônico, indicando um caminho para reviver a multiplicidade de vozes e, assim, ressaltar a escuta das(os) até então silenciadas(os).

Tomando como referência a reflexão de Ribeiro (2017), realizou-se uma proposta de experimento, dentro do estágio de docência, em parceria com o professor

Anníbal Montaldi, a qual foi ministrada para as turmas de primeiro ano de Arquitetura e Urbanismo da USJT – unidades Mooca e Butantã, no segundo semestre de 2018 e no primeiro semestre de 2019.

A atividade foi dividida em dois momentos: 1. as aulas expositivas contaram com uma sucinta apresentação do arcabouço teórico explorado na dissertação; 2. a experimentação prática teve como referência processual e metodológica a produção das artistas Valie Export, Esther Ferrer e Francesca Woodman. Toda a abordagem interpretativa das obras emprega o referencial dos olhares das próprias artistas e de suas produções.

A estratégia buscou analisar o caminho proposto pelas artistas como parâmetros de condições perceptivas de cada corpo, contando com suas produções para compreender as afirmações do corpo e da figura feminina, e os diálogos que essas protagonistas estabelecem com a cidade e o meio social. Interessa articular a reflexão teórica de Ribeiro (2017), acerca da proposição do lugar de fala, com a experimentação estética das artistas, como conexão entre o pensamento e a potência da ação.

A austríaca Valie Export (1940-) atrai a atenção para a discussão do posicionamento do corpo no espaço urbano. Cria registros fotográficos de intervenções performáticas na paisagem, expondo o que Garcia (2018, p. 116) aponta como “artificialidade da constituição dicotômica de público e privado”.

Em sua obra *Body configurations*, um ensaio fotográfico que busca reinterpretar a cidade por meio de entrelaces entre o corpo e o lugar, revelando contornos e aderências, a artista parece expressar o quanto é árdua a adaptação ao meio, buscando identificar as formas urbanas como moldes para encaixes de seu próprio corpo, capazes de expressar um desejo de continuidade entre ser e pertencer, entre o sujeito e o ambiente, entre corpo e lugar.<sup>1</sup>

A intermediação com o espaço urbano expõe uma realidade cujo corpo torna-se objeto de interlocução. Ao mesmo tempo que expõe suas tensões, é capaz de moldar suas interpretações críticas. O corpo da artista que produz a arte é o mesmo corpo da mulher que discute seu lugar dentro da sociedade.

Deixe as mulheres falarem para que possam se encontrar, é o que peço para conseguir uma imagem autodefinida de nós mesmas, portanto uma visão diferente da função social das mulheres. As artes podem ser entendidas como um meio de nossa autodefinição, acrescentando novos valores às artes. Esses valores, transmitidos por meio do processo de assinatura cultural, alterarão a realidade para acomodar as necessidades feministas (EXPORT, 1972).

Suas motivações, pensamentos e posicionamentos sociais fazem parte da composição de suas obras artísticas, e, ao questionar o seu lugar na coletividade, usa as dobras de interação para insinuar um caminho de indagações.

<sup>1</sup> Essa obra de Valie Export, realizada entre os anos 1972-1976, foi tema da exposição Valie Export Body Configurations, de 12 de janeiro a 24 de fevereiro de 2018, na Galeria Thaddaeus Ropac, em Paris. Algumas das imagens que compõem a série estão disponíveis em: <http://www.dreamideamachine.com/en/?p=32870>. Acesso em: 22 out. 2021.

A segunda artista apresentada como referencial crítico é Esther Ferrer (1937-). De origem basca, nascida em pleno período da Guerra Civil, Ferrer ganhou maior notoriedade em sua atividade artística a partir de 1966, quando se uniu ao grupo Zaj, um dos primeiros grupos de arte experimental espanhola, ligado ao Movimento Fluxus, fundado em 1964 por Ramón Barce, Juan Hidalgo e Walter Marchetti.

Seus experimentos vinculam-se aos temas ligados à própria identidade, extraindo expressão poética e metafórica de arranjos singelos. Ao explorar as marcas deixadas pelo tempo no corpo, mostra sua própria imagem carregada de simbolismos. Nesse contexto, sua produção configura uma narrativa comprometida com questões ligadas à identidade, que transita por diferentes linguagens, reaproximando arte e vida, com o propósito de construir uma trajetória de resistência e conscientização identificada com as causas feministas (Figura 3).

Comprometida com as injustiças relacionadas à própria condição de mulher e ao seu papel no mundo das artes, afirma<sup>2</sup> que o que mais lhe interessa é "*no traicionarme a mí misma tanto en mis convicciones sociales y políticas como en mis ideales feministas*" (FERRER *apud* MAYORDOMO, 2017).

Segundo Esther Ferrer, a *performance* seria algo que se passa "em um momento exato" e em "um lugar exato", uma forma de viver em comum uma situação que tanto pode provocar "tensão" quanto "cumplicidade". Configura a potência de escapar dos muros das instituições culturais e adentrar em choque direto nas ruas, criar espaços clandestinos (FERRER *apud* TOSTA, 2018, p. 139).

A relação com o espaço urbano comparece em duas de suas *performances*: *13 acciones 13 semáforos* e *El camino se hace al andar*. Na primeira, a artista desloca-se pelo espaço urbano segurando uma cadeira, para deter-se em semáforos de diferentes cruzamentos, ora em pé sobre a cadeira, ora sentada, criando uma situação anômala, de impedimento à fluência do trânsito.

Já a segunda atravessou fronteiras, participando de diversos festivais de *performance* em diferentes países, entre os quais a edição de Logroño e a do Festival Sin de vídeo e de *performance*, realizadas em Jerusalém e em Ramallah na Palestina. Reinterpretando o poema de Antonio Machado "Caminante no hay camino", a artista transpõe a narrativa poética para a causa da igualdade de gênero, reivindicando maior visibilidade de mulheres artistas no panorama das artes e em espaços urbanos (Figura 4).

Os limiões entre o público e o privado, entre o urbano e o doméstico, podem ser entendidos como elementos de transição a conduzir as produções de Francesca Woodman (1958-1981), artista norte-americana que viveu e estudou na Itália, cuja obra é impregnada pela temática do feminino entremeada à problematização das ideias de identidade e subjetividade, por meio de registros fotográficos em que

<sup>2</sup> A produção de Esther Ferrer pode ser mais bem conhecida por meio de suas exposições, textos e performances disponíveis em: <http://estherferrer.fr/es/>. Acesso em: 22 out. 2021.



constrói imagens de si, autorretratos, nos quais sua imagem é instável, nem sempre reconhecível. Integram sua obra livros de artista e diários, nos quais, com desenhos, narra pensamentos, sonhos, pesadelos, escritos que desnudavam suas tensões pessoais que a levaram ao suicídio (GALLO, 2015, p. 65).

De maneira visceral e muito própria, a artista situa suas experimentações em locais fechados e busca compreender a dinâmica entre corpo e o espaço doméstico usufruindo dos elementos de um ambiente em estado de abandono.

A conexão com o corpo que acessa a psique em níveis profundos, comparece nas imagens fugidias de um corpo evanescente em um ambiente em suspensão.

O olhar da artista diante da objetificação do próprio corpo ganha forma em um discurso não verbal que expressa as angústias e os medos refletidos na vulnerabilidade característica de sua expressão.<sup>3</sup>

Em contato com essas obras e as discussões que suscitaram, a pluralidade de discursos provindos de experiências e universos distintos, abordados em sala de aula, potencializou um diálogo que revelou tensões nas formas de existir e de coexistir dentro da cidade, uma condição inquieta que reverberou no experimento *in loco*.

As imagens apresentadas a seguir (figuras 1 e 2) são retratos da produção desenvolvida pelas(os) alunas(os), os quais identificaram as brechas do espaço em contato com seus corpos e levantaram curiosas indagações. As fendas provocadas pela composição da arquitetura podem ser percebidas como elementos de reapropriação? Quais são as possibilidades de apropriação que o corpo consegue compor diante do enredo do lugar? Quais são os limites de acomodação entre os ângulos do construído e a forma de percepção do corpo?

---

<sup>3</sup> Algumas de suas obras estão disponíveis em: <https://lojaouvidor.wordpress.com/2012/01/30/francesca-woodman/>. Acesso em: 22 out. 2021.



*Figura 1: Estudo empírico – Parte I. Fonte: Acervo pessoal disponibilizado pelas(os) alunas(os) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, 2019.*

O estudo empírico possibilitou a construção de novas camadas sensoriais e interpretativas, evidenciando uma série de questões subjetivas que não necessariamente percorrem vias lineares de explicação ou que dificilmente possuem uma resposta precisa.

A potência dos campos sensoriais e perceptivos de cada uma(o) das(os) alunas(os) moldou uma aproximação com o lugar e com o próprio corpo, o que evidenciou um deslocamento da percepção. Quanto mais próximo de si, mais o sujeito consegue extrair do lugar suas potencialidades, suas relações dimensionais.

Reforçar a relação entre indivíduo e coletivo na prática faz revelar diferentes camadas que se encontram submersas, que tendem a ser inibidas em suas potências. É também legitimar memórias invisibilizadas na experiência social, é alcançar as aspirações e os desejos de cada um dos corpos em cena.



*Figura 2: Estudo empírico – Parte I. Fonte: Acervo pessoal disponibilizado pelas(os) alunas(os) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, 2019.*

Os exercícios propiciaram propostas como a relatada a seguir, que questiona não apenas o modo como as mulheres se colocam socialmente, mas também a maneira como são vistas no espaço público, estabelecendo relação com as imagens produzidas por Valie Export.

Por mais que a representação artística gere o interesse e desperte a atenção, essa condição de desconforto externa aos exercícios, que persiste quando se reúnem para conversar e alinhar a proposta a ser desenvolvida, representa uma habitual condição incômoda da mulher nos ambientes em que circula, refletindo tensões e enfrentamentos diários.

Fica evidenciada, na análise do grupo, a relevância em reconhecer o corpo feminino e sua colocação social dentro do meio urbano como um agente emancipado, que combate para se livrar do assédio em suas formas diferentes, das mais sutis às mais ostensivas (Figura 3).

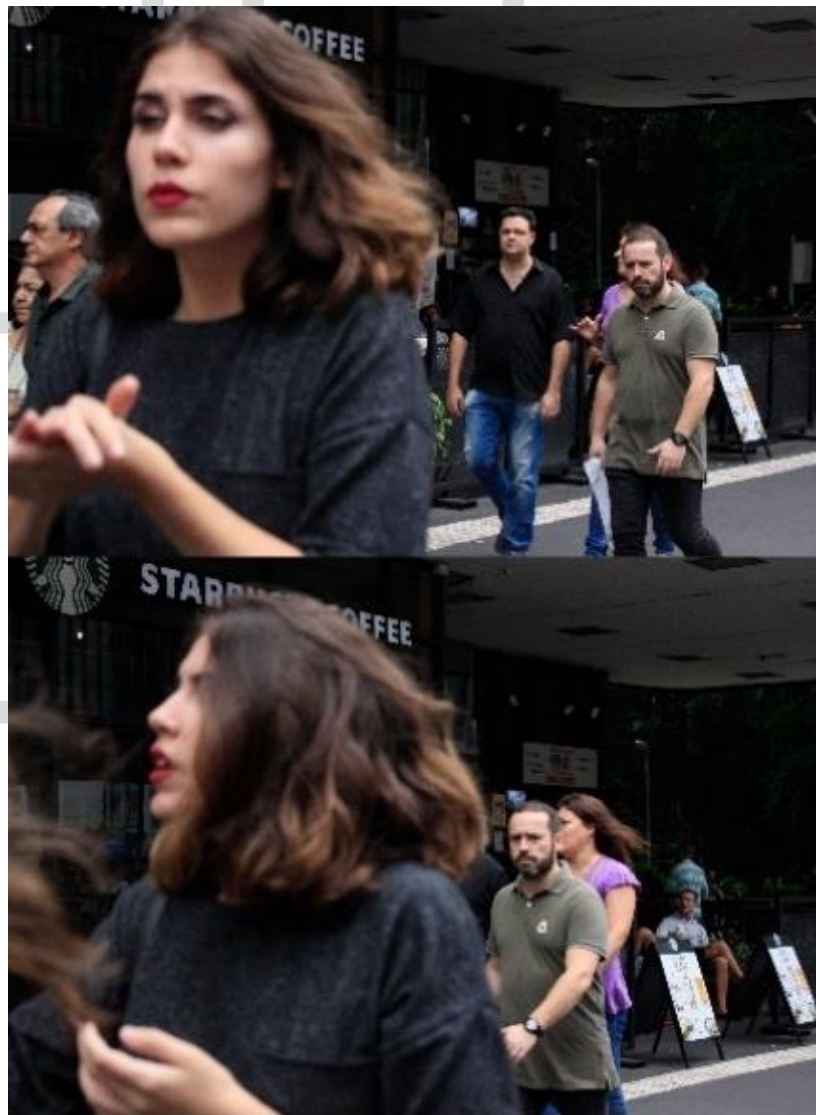


Figura 3: Estudo empírico – Parte II. Fonte: Acervo pessoal disponibilizado pelas(os) alunas(os) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, 2019.

Por fim, a última proposta apresentada é resultado do pensamento e olhar crítico das(os) alunas(os) que percorrem um caminho análogo ao da produção de Francesca Woodman, buscando questionar as possibilidades de pertencimento e colocação do corpo feminino, que mergulha em si para compreender os motivos de impactos que afetam a saúde emocional, física ou mental.

A libertação dessa condição de aprisionamento social desvela uma potência reprimida nos corpos enclausurados. As grades são dispositivos empregados nas intervenções urbanas para definir limites, separar usos, impedir acessos. No trabalho realizado, são entendidas como metáforas da exclusão que induzem ao silenciamento (Figura 4).



*Figura 4: Estudo empírico – Parte II. Fonte: Acervo pessoal disponibilizado pelas(os) alunas(os) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, 2019.*

Mais do que ampliar os horizontes de percepção, fica evidenciada a tentativa de revelar novas formas de ação e de manifestação de pensamentos. A crítica e a prática dialogando para o encontro de novos posicionamentos, capazes de revelar alternativas e soluções para as questões debatidas.

## **Alinhando os discursos nos reposicionamentos dos corpos**

Alcançar uma dimensão política da intervenção artística permite apontar modos de visibilidade e invisibilidade, “lutas” de reconhecimento e de conflitos presentes na conjunção entre arte e vida, na cena cultural contemporânea. É esse o papel da arte nesta pesquisa, servir de instrumento para legitimar discursos e torná-los potentes, não silenciar.

Possibilitar as manifestações, tendo a reorganização de informações e vivências como um dos métodos possíveis, possibilita a articulação entre identidade e pertencimento. A subjetividade que acessa a memória, ressignifica os valores e permite fluir uma série de conjunções que afetam o sujeito em interação com o espaço sociocultural. É a faísca dos mecanismos internos que rompe com o automatismo, buscando no vivo a reformulação do imaginário e motivando-o a se reinventar.

Coloca-se aqui em discussão a primazia dos sujeitos (e dos grupos sociais) que habitam os lugares como protagonistas do ambiente urbano, de maneira a conferir-lhes uma presença concreta nos planos e projetos urbanos, deslocando-os da condição de destinatários para a posição de interlocutores em estratégias que incentivem os processos participativos.

O momento de crise em que vivemos hoje, com apelo ao distanciamento social como estratégia para se manter vivos(os), não pode ser impedimento para a mobilização em favor da recuperação do controle de nossas vidas e das decisões coletivas. Nessa perspectiva, é sempre desejável a coalizão das diferenças em prol de um processo permanente de (des)aprendizagem, por meio de experiências e experimentos orientados a formular outras formas de viver e produzir.

## **REFERÊNCIAS**

- AGREST, D. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. *In*: NESBITT, K. (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura*. Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 584-599.
- EXPORT, V. Woman's art: a manifesto. *In*: DEEPWELL, K. *Feminist Art Manifestos as Anthology*. New York: KT press, 2014. p. 31-32.

- GALLO, M. D. N. *Francesca Woodman e o lugar de onde eu me olho*. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17087/1/Vers%C3%A3o%20Final%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20MarinaDidier--Copiar.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.
- GARCIA, C. G. *Gênero da cidade em disputa: práticas artísticas como manifestação do dissenso*. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/179532>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- HOLLANDA, H. B. de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LE BRETON, D. Corpo, gênero, identidade. In: FERRARI, A. et al. *Corpo, gênero e sexualidade*. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2014. p. 19-34. Disponível em: <https://seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/images/documentos/sextoseminario.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.
- MAYORDOMO, C. Mujeres en e arte: Esther Ferrer. *Tribunal Feminista*, 26 jun. 2017. Disponível em: <https://tribunafeminista.elplural.com/2017/06/mujeres-en-el-arte-esther-ferrer/>. Acesso em: 11 out. 2020.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SIGRUN, H. *Women's history month*. 2017. Disponível em: <https://omstreifer.com/2017/03/13/womens-history-month/>. Acesso em: 3 abr. 2018.
- TOSTA, C. *A performance como arte de resistência: leituras a partir de Esther Ferrer*. *Paralelo 31*, n. 1, p. 133-145, dez. 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000200018](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200018). Acesso em: 12 out. 2020.